



INTOLERÂNCIA RELIGIOSA OU DISPUTA PELO PODER?

CLÁUDIO CÔRTEZ BARROZO*

Resumo: Em todas as culturas, por mais remotas que sejam, a religiosidade esteve e está presente. Ela faz parte do contexto pessoal e social do ser humano, que tem a necessidade de buscar experiências com o *Tremendum* e, por isso, ao longo da história, desenvolveu sua visão particular do mesmo e construiu liturgias, princípios e valores que passaram a normatizar a relação de seus coiguais. Cristã, animista, politeísta, islâmica, judaica, grega, espiritualista, a religiosidade influenciou a história, delineou e demarcou as sociedades, guerras foram travadas em nome dela. Ao olhar para a história vemos que até aqueles de mesma confissão religiosa se digladiaram, provocaram guerras e derramaram o sangue de seus próprios irmãos por uma suposta verdade religiosa. Aquilo que chamamos de intolerância religiosa, no entanto, foi/é apenas um rótulo que esconde a verdadeira motivação para a aversão que se professa em relação ao outro: disputa pelo poder.

Palavras-chave: intolerância; religião; disputa; poder.

Religious intolerance or dispute for power?

Abstract: In all cultures, however remote it may be, religiosity was and it is present. It is part of the personal and social context of the human being, who has the need to seek experiences with *The Tremendum*, so developed, throughout history, their particular vision of it and made liturgies, principles and values that started to regulate the relationship of its co-equal. Christian, animist, polytheist, Islamic, Jewish, Greek, spiritualist, the religiosity influenced the history, delineated and demarcated societies and wars were fought on its behalf. When we look at history we see that even those of the same religious denomination have battled, provoked wars and shed the blood of their own brothers nationals for alleged religious truth. What we call religious intolerance, however, was/is just a label that hides the real motivation for the aversion which professes to have in relation to the other: power struggle.

Key-words: intolerance; religion; dispute; power.

* Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Técnico em Contabilidade pela Associação Brasileira de Ensino Universitário-ABEU, Especialização em Liderança (Haggai Institute - Hawaii/USA), Especialização em Marketing Internacional (Fundação Getúlio Vargas).

A intolerância religiosa, no mundo ocidental, ainda que exista, não pode ser considerada tal como é notória nos países orientais, sobretudo na região do globo conhecida como “janela 10/40”, assim chamada por ficar entre os paralelos 10 e 40 de latitude norte onde vive a

maior parte da população mundial. Compreende o oeste da África até a Ásia, também conhecida pelo alto índice de miséria, analfabetismo, desrespeito aos direitos humanos e imposição da religião estatal sob pena de perseguição e morte.

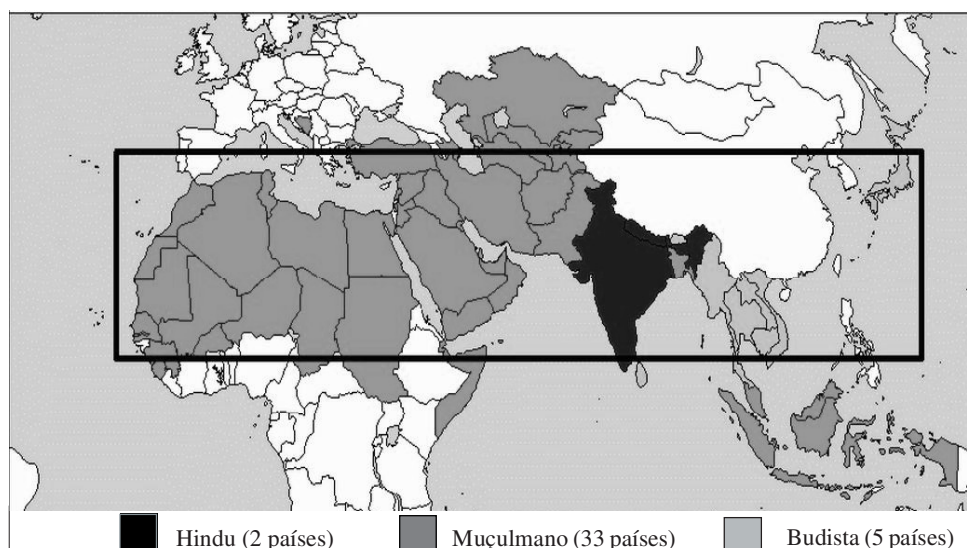


Figura: Janela 10 - 40.

Fonte: Adaptado de Global Mapping International.

No Brasil, a predominância cristã¹, expressada pelo catolicismo romano e denominações evangélicas oriundas do protestantismo, não mais demonstra intolerância quanto às suas divergências dogmáticas e convive com muita harmonia social, como também com as demais religiões minoritárias, que seguem doutrinas espíritas oriundas do kardecismo ou das religiões africanas, ou as orientais de ainda menor expressão demográfica, como o islamismo. Entretanto, isso não significa que essa convivência seja de aceitação total, pois mesmo as denominações cristãs, compreendidas aqui como católica e evangélica, por maior que seja o esforço que a primeira faça para construir uma relação ecumênica, não só com os evangélicos como com os demais grupos religiosos, este esforço resulta infrutífero. Por quê? Para responder a essa pergunta é preciso conhecer as crenças essenciais de uma e de outra religião cristã, as doutrinas que fundamentam seu credo e que as tornam incompatíveis litúrgica e espiritualmente. Isso é a incompatibilidade que há entre elas enquanto religiões. Porém, no campo moral e social, há grande compatibilidade, pois ambas se alinham quando as questões são referentes às garantias dos direitos individuais, valorização da vida, repulsa ao aborto, proteção à família constituída por um homem e uma mulher, proteção à infância, à adolescência, ao idoso,

à mulher, à cidadania. Não é muito diferente entre estas e as demais religiões minoritárias, que igualmente se alinham quando as questões sociais lhes são comuns. Não é raro, sobretudo hoje em dia, vermos representantes destas religiões participando de fóruns sociais e demonstrando este alinhamento.

Afirmar que há intolerância religiosa no Brasil seria, sobretudo, um equívoco a denotar grave desconhecimento do contexto atual, pois aquilo que se afirma ser intolerância religiosa aqui, nada mais é do que intolerância político-social que se vê praticada por aqueles que professam a mesma religião católica, ou que são membros de uma igreja neoliberal, pós-moderna, pretensamente autodenominada evangélica, porém não sendo fiéis nem à doutrina católica nem à evangélica, já que ambas se submetem à autoridade dos escritos bíblicos. É o caso, por exemplo, dos ativistas GLBT que proclamam ser fiéis de uma ou de outra destas religiões, mas, usando os veículos de comunicação e o capital como meio, e a propaganda como instrumento, atacam e fomentam aquilo que chamam de intolerância religiosa, travestida de homofobia, colocando sob o prisma de um microscópio as consequências de crimes praticados, isoladamente, por alguns sociopatas, ou por consequência da vida de risco a que as vítimas se sujeitam (prostituição homossexual, por exemplo),

com o objetivo de levar os legisladores do país, que é democrático, a criar leis que privilegiem as suas práticas, em detrimento das crenças da maioria, alterando o Código Civil e a Constituição, sem plebiscito, com o fim de revogar, entre outras coisas, o reconhecimento apenas da “união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar”². Tal fato demonstra que inexistia intolerância religiosa no Brasil, não apenas porque temos a Constituição federal e o Código Civil para dar liberdade às práticas religiosas, sejam quais forem, como estado democrático de fato e de direito, mas porque é assim assimilado e respeitado pela sociedade. Portanto, a propalada intolerância religiosa por parte das religiões estabelecidas no Brasil, que representam a maioria, em relação a este grupo da sociedade, que é minoria, é apenas propaganda³ desta.

A intolerância religiosa nos países orientais, sobretudo nos situados na janela 10/40, cujos efeitos, por vezes, se evidenciam presentes por ações terroristas produzidas nos países ocidentais, está relacionada ao poder. É o ego de seres humanos usando a religião para submeter as multidões, embora contrariando os ensinamentos basilares de sua fé nos documentos sagrados, seja o Alcorão ou outro qualquer, pois há algo que desincompatibiliza as religiões: a crença de que para ser feliz o homem deve construir um relacionamento baseado no amor para com os demais seres humanos, apesar de suas diferenças. E isso não é o mesmo que ecumenismo?!⁴

No mundo ocidental, o exemplo mais marcante, contemporaneamente, aponta para os constantes conflitos entre católicos e protestantes que, de forma sangrenta, marcaram gerações na Irlanda do Norte até o final do século XX, originados de uma combinação de fatores étnicos, políticos, econômicos e sociais surgidos na Idade Média quando, no século XII, o monarca inglês Henrique II tentou anexar a ilha da Irlanda ao seu reino. Os irlandeses resistiram até o século XVII, quando os britânicos passaram a se transferir, aos milhares, para lá, como colonos, atraídos pelas generosas ofertas de terras. Os recém-chegados eram, em sua maioria, protestantes —

enquanto os irlandeses seguiam a religião católica. Assim, o mesmo território passou a ser ocupado por dois grupos hostis, um acreditando que suas terras haviam sido usurpadas e o outro temendo rebeliões. Entre as várias províncias da ilha, a de nome Ulster, ao norte, concentrou a maior parte dos imigrantes britânicos. A partir do século XIX, essa região se industrializou e se urbanizou mais rápido, aumentando as diferenças econômicas em relação ao sul do país, ainda dependente da agricultura. Como as tensões continuavam, em 1920 o Parlamento inglês criou duas regiões com autogoverno limitado na ilha: a do Ulster, ou Irlanda do Norte, com predomínio de protestantes, e a dos condados restantes, a Irlanda, com maioria católica. Dois anos depois, a autonomia da Irlanda aumentou, abrindo caminho para que a parte sul da ilha se tornasse um país totalmente independente da Inglaterra. Mas os católicos que viviam na Irlanda do Norte, em minoria, continuaram insatisfeitos. Foi lá que se acirraram os conflitos entre grupos armados dos dois lados, como o Exército Republicano Irlandês (o IRA, católico e pró-independência) e os movimentos unionistas (protestantes e pró-Inglaterra)⁵.

O problema da intolerância, mais uma vez, não foi centrado na religião, pois esta sempre foi usada como instrumento de estabelecimento do poder. Vejamos o desenvolvimento disso no desenrolar da história, em nossa era cristã: na Palestina do primórdio, os judeus estavam sob o domínio do Império Romano. Surge então um carpinteiro pregando ser ele o Messias, aquele que os profetas prediziam vir a ser o restaurador do reino de Israel, um descendente da linhagem real do rei Davi, cujo nome era Jesus, natural de Belém, conhecido como “o nazareno” por ter vivido desde a infância na cidade de Nazaré, um lugar sem qualquer reputação⁶. Embora tendo pregado que seu reino não era deste mundo, mas um reino espiritual, metafísico, afirmando-se como a encarnação do Filho de Deus, era reconhecido como um profeta e tido como o Messias. Sua pregação era pacífica mas também revolucionária, pois pregava contra a diferença social e a opulência dos ricos⁷, a separação entre a religião

e o Estado⁸, além de confrontar as lideranças político-religiosas de seu próprio povo por causa da corrupção e hipocrisia⁹, o que levou estas, movidas pelo despeito, ao mesmo tempo que temendo uma represália do imperador romano em caso de insurreição do povo, a conspirar e levá-lo à morte por crucificação. A seguir, os discípulos de Jesus são perseguidos, presos, torturados e mortos, primeiro pelos seus próprios líderes, que eram os detentores da interpretação da religião oficial judaica e faziam parte da casta clerical porque, dentre outros princípios, os cristãos pregavam que ninguém mais precisava de intermediários para chegar a Deus, o que significava o fim da casta e do ofício sacerdotal¹⁰; depois, pelo imperador, porque se recusavam a reconhecer a sua pretensa divindade e declaravam se submeter em primeiro lugar ao senhorio de Jesus, que teria ressuscitado, embora fossem ordeiros e submissos, quer fossem judeus (povo subjugado), quer fossem gentios (de outras nacionalidades e cidadãos romanos¹¹). Mas recusar a submeter-se à religião do estado significava sublevar-se contra o poder do estado. Três séculos depois, o imperador romano se converte ao cristianismo, que é tornado religião oficial do estado e as posições mudam, pois os perseguidores agora passam a ser perseguidos. Com a queda do Império Romano em seu lugar permanece a Igreja Católica que, para se manter no poder, subverte suas próprias crenças originais dadas pelos pais de sua fé, os apóstolos, instituindo o restabelecimento de uma casta sacerdotal, a sacralização da missa e estabelecimento de uma linguagem litúrgica desconhecida do povo, a inacessibilidade dos leigos aos escritos sagrados e a autoridade inquestionável do Papa, que passa a ser o único representante de Cristo na terra e, portanto, quem tem o poder para reconhecer e estabelecer, entre outras coisas, a autoridade de monarcas. Muita gente foi presa, perdeu patrimônio, foi torturada e morta das maneiras mais terríveis em nome da manutenção do poder da casta sacerdotal cristã, supostamente avalizadas pelo Cristo, tendo como marca terrível

a “noite de São Bartolomeu”, na França (século XVI), com o massacre de milhares de protestantes. Do lado protestante teve Martinho Lutero, o reformista que incita os nobres imperiais que o acolheram a se rebelarem contra os católicos, ao ódio, perseguição e morte aos judeus, se apropriando de seus bens, e aos camponeses humildes, por se rebelarem contra a opressão imposta pela nobreza. No século passado, Hitler, usando os argumentos de Martinho Lutero, persegue e mata milhões de judeus, apropriando-se de seus haveres, porque representavam importante participação na economia e finanças da Alemanha. Desde que Israel foi assentado de volta na Palestina e reconhecido como nação, bem assim o seu território, tem sido alvo de represálias, ataques terroristas e guerras provocadas pelos árabes muçulmanos. Os países do Ocidente que apoiaram e mantêm este apoio a Israel, são alvo de ações terroristas promovidas por estes grupos de ativistas muçulmanos contra judeus, como o “massacre de Munique”, em 1972, e o sempre lembrado “11 de setembro”, quando grupos islâmicos realizaram alguns atos terroristas nos Estados Unidos, sendo o mais trágico deles a derrubada das torres gêmeas em Nova York, contabilizando a morte de milhares de civis. Todos estes conflitos, sem exceção, considerados como intolerância religiosa, na realidade deveram-se a razões étnicas, políticas e sociais, tendo a religião como bandeira e instrumento de amalgamação, no inconsciente coletivo, da fomentação do ódio e para estabelecer o poder do seu grupo como dominante. Assim como não foi a intolerância religiosa, entre as facções islâmicas xiitas e sunitas, que provocou a guerra Irã-Iraque, mas questões político-econômicas, ainda que fossem do mesmo credo islâmico!

A intolerância que se constata entre os que professam religiões diferentes não é, portanto, mero fruto da teologia e de seus dogmas particulares, pois a mesma se encontra até entre os que professam a mesma crença e possuem o mesmo

fundamento religioso: se no cristianismo, a Bíblia, se no islamismo, o Alcorão, como vimos por estes exemplos na história. É uma questão de disputa pelo poder.

É POSSÍVEL DESINCOMPATIBILIZAR A INCOMPATIBILIDADE?

No Brasil, a coexistência pacífica e o diálogo inter-religioso são uma realidade que vem sendo construída pelas principais religiões existentes, sobretudo desde que o país se tornou laico, ficando cada vez mais notória quando comoções sociais de natureza ética, como no caso do ativismo gay, fazem os discursos convergirem para uma mesma posição. Assim, o que se vê é que, apesar das divergências abissais de natureza teológica e doutrinária que incompatibilizam as religiões no sentido de caminharem no campo da prática religiosa, no campo da prática social elas caminham, se ajudam e compartilham do mesmo posicionamento, buscando através do diálogo e instrumentos democráticos o estabelecimento de sua visão, sem violência e sem ódio. Destaques apresentando situações extremistas isoladas, que são excepcionalidades, como já mencionado anteriormente, não configuram intolerância religiosa, mas desrespeito, como o que aconteceu recentemente, por ter ascendido à presidência da Comissão de Direitos Humanos um parlamentar da bancada evangélica, que é pastor e que, representando os cidadãos que o elegeram, defende suas ideias baseadas em suas crenças religiosas e tem sido alvo de ofensas à sua pessoa, aos evangélicos e aos católicos que compartilham delas, por parte de ativistas GLBT que, não respeitando a Constituição e as leis, confundem liberdade de expressão com agressão moral¹². Apesar de vários representantes do “quarto poder”¹³ incitarem uma campanha contra o pastor, deputado federal, ele recebe apoio que vem do povo representante das mais diversas confissões. Embora esteja relacionada a questões de natureza religiosa, essa celeuma não pode ser considerada intolerância

religiosa, como os fatos comprovam, pois tem sua raiz na desobediência civil.

A INTOLERÂNCIA PROPRIAMENTE DITA ESTÁ LIGADA, PORTANTO, À DISPUTA OU MANUTENÇÃO DO PODER

O inverso disso é encontrado nos países onde está presente, de forma agressiva, o uso da religião como instrumento de dominação política. Não se trata de defesa de dogmas e teologia, mas de poder social e político. Vejamos o caso da Índia, por exemplo, que é um país que tem um sistema de democracia parlamentar. O hinduísmo é predominante, vindo a seguir o islamismo, tendo o cristianismo como minoria. Um cristão praticante, quando em viagem àquele país, para frequentar uma celebração em uma igreja cristã precisa ser escoltado por fiéis daquela igreja ao sair após o culto, sobretudo se for branco e falar inglês. Os cristãos, por causa da lei do país, têm liberdade de culto, mas são hostilizados e, em alguns casos e regiões, perseguidos e mortos¹⁴. A intolerância é tão grande que as pessoas de um credo religioso têm dificuldades para se comunicar com as de outro credo no contexto da vida social, mesmo em cidades como Hyderabad, a quarta maior do país, com mais de 6,8 milhões de habitantes, mundialmente conhecida por seu comércio e artesanato de pérolas e que abriga uma crescente indústria de pesquisa e desenvolvimento, que inclui a indústria farmacêutica, biotecnologia, nanotecnologia, e todo tipo de investigações relacionadas com a ciência, engenharia e tecnologia. Em seus arredores há um grande complexo tecnológico, HITEC City, que é popularmente conhecida como o “Vale do Silício” da Índia. Neste país — uma das maiores potências econômicas emergentes do planeta, integrante do bloco econômico chamado BRIC¹⁵ — existem partidos políticos compostos por cidadãos conhecidos como “nacionalistas hindus” que incitam a violência contra cristãos. Há um partido político naquela cidade, que tem como ideologia impedir os cristãos de gozar de direitos civis e de professar sua fé livremente. O que se vê é que aquele país não aprendeu com sua

própria história, pois deu fim à submissão e exploração impostas pela Inglaterra, conquistando sua independência, apenas arvorando a bandeira da tolerância e da paz, sob a liderança do Mahatma Gandhi, para acabar dividindo-se de modo sangrento na disputa pelo poder, descambiando para a criação do Paquistão, muçulmano, e do assassinato daquele, que era hindu, por um hindu radical e insatisfeito!

A intolerância religiosa sempre está associada ao poder. É assim desde sempre. Voltemos às considerações sobre a perseguição ao cristianismo, desde o princípio associada à questão de que supostamente ameaçava o poder do imperador romano, visto que os cristãos declaravam ser súditos de um rei chamado Jesus Cristo, nascido na Judeia, de origem humilde e que morreu martirizado por Roma. Como os cristãos se recusavam a venerar e prestar culto ao imperador como deus, embora cumprissem fielmente suas obrigações como cidadãos, e submissos à ordem civil, foram perseguidos, desterrados, despojados de todos os direitos e mortos aos milhares. Isso serviu aos propósitos escusos do imperador para se apropriar do patrimônio daqueles, que eram, em grande número, cidadãos romanos. Quando o cristianismo tornou-se religião oficial do estado romano, passou a perseguir as demais religiões e a todos os que se opunham ao seu poder — que era imposto pelo medo e pelo misticismo, até quando deixou de ser a religião oficial do estado de muitos países, perdendo assim sua força política — que foi refutado e tomado por alguns que, como na Revolução Francesa e posteriormente com Napoleão Bonaparte, promoveram a descristianização da França, perseguindo e matando clérigos e fiéis¹⁶. Já no século XX, a antiga União Soviética perseguiu, encarcerou e matou muitos cristãos, mais do que em toda a história.¹⁷ Deve-se registrar que apesar da intolerância religiosa que produzia a perseguição, foram os cristãos que, resistindo em sua fé, princípios e valores, contribuíram para que o regime socialista soviético ruísse, fosse desmantelado. Sem um só disparo de arma de fogo, os muros caíram e a liberdade retornou, ainda que acanhadamente. Podemos

concluir que se César se sentisse ameaçado por um suposto “rei” que se opusesse à sua autoridade civil sobre seus súditos, mas que na verdade se caracterizou pela vaidade em querer ser adorado como deus, por isso perseguiu os cristãos. Igualmente concluímos que Napoleão Bonaparte e, antes dele, os revolucionários franceses, fomentadores do antropocentrismo no chamado culto da razão, se rebelaram contra a censura e domínio político exercido pelo pontífice romano, por isso perseguiram a igreja cristã. Mas, e no século XXI, qual a razão de tanta intolerância religiosa em/por parte de alguns países? Pela razão de sempre: poder. O cristianismo puro, que prega a liberdade de expressão, que é contra o uso da política como instrumento de repressão, que é a favor das garantias individuais, do sacerdócio universal de cada fiel, da separação entre igreja e estado, do livre exercício de consciência e posicionamento do ser humano a respeito de qualquer coisa e que quer fomentar e desenvolver o diálogo entre todos os povos e raças, configura-se como um inimigo terrível daqueles que querem manter ou conquistar o poder ainda que sejam estes integrantes do mesmo credo cristão! É um contrassenso, porém realidade histórica.

INTOLERÂNCIA RACIONAL E DO SENSO COMUM

Classifiquemos a intolerância religiosa como racional e do senso comum:

Intolerância Racional: Aquela que é exercida por alguém ou por um grupo de pessoas que tiveram acesso à cultura, educação e formação acadêmica, e visam galgar ou se manter no poder usando uma hermenêutica que produz uma interpretação própria, tendenciosa e alienadora para levar os demais a um estado de obediência acrítica, sensorial e psicoemocional. Usam de instrumentos da programação neurolinguística¹⁸ e da propaganda. Possuem relação simbiótica com aqueles que lhes favorecem o poder (sejam eles governos, autoridades públicas ou empresários). É o que os ativistas do movimento GLBT estão fazendo hoje no Brasil.

Conseguiram fazer com que um termo – homofobia¹⁹ – se tornasse uma bandeira de propaganda e, porque sofreram resistência aos seus intentos, no campo das ideias, cada vez mais influenciam a sociedade apoiados por aqueles que têm interesse pecuniário ou político, considerando-se a si mesmos como vítimas e construindo a visão de que a religião é um entrave ao estado de direito para que possam gozar do bem-estar social que, afirmam, a lei não lhes assegura, inclusive colocando no bojo de seu projeto de lei instrumentos que revogariam o direito de expressão daqueles que são contrários às suas práticas²⁰.

A intolerância racional é, portanto, presente naqueles que possuem uma condição privilegiada em relação à maioria (são educadores, artistas, juristas, representantes políticos, fomentadores de cultura, empresários, formadores de opinião, via de regra com instrução acadêmica e participantes da classe social mais privilegiada economicamente). No mundo oriental, como exemplo, estão os aiatolás radicais e governantes, como Mahmoud Ahmadinejad e o aiatolá Ali Khamenei, no Irã, ou ainda o falecido Osama Bin Laden, criador da Al Qaeda.

Intolerância do Senso Comum: Aquela que se manifesta e é exercida por grupo de pessoas que estão inseridas, via de regra, no contexto dos menos favorecidos da sociedade, iletrados, sem formação acadêmica ou oriundos de uma formação acadêmica que visa à manutenção do *status quo* e não à capacitação a uma consciência crítica à luz da filosofia, história e sociologia e que são manipulados pelos integrantes da Intolerância Religiosa Racional. Pode ainda ter como elemento importante que a alimenta, a comoção social potencializada pelos da Intolerância Racional, e aí agregar, inclusive, muitos oriundos das classes mais favorecidas e de bom nível educacional mas que se deixam influenciar, por razões psicoemocionais, pela propaganda produzida pelo Quarto Poder. São aqueles chamados de “massa de manobra”. Associe ignorância e comoção social, mais pressões econômicas às quais o povo esteja submetido, às divergências religiosas e propaganda que aponte

para um culpado por isso, e pronto! Têm-se um processo de intolerância religiosa estabelecida no senso comum que pode provocar uma revolução ou uma guerra. Essa é a realidade geral representada pelo islamismo nos países do Oriente, mas também a que foi usada pelo governo dos Estados Unidos da América para ganhar apoio dos seus cidadãos e da comunidade internacional para justificar a invasão do Iraque.

CONCLUSÃO

A intolerância religiosa é, portanto, fruto da cobiça. Desde sempre a sociedade é dividida por aqueles que sabem e lutam pelo poder e os ignorantes, que obedecem e sofrem as consequências, por funestas que sejam. Não existe regime político que consiga pôr fim a este mal, pois está presente tanto nas sociedades de governo autoritário como nas democráticas. A abordagem apenas é que é alterada, usando-se sempre os mesmos meios. Jesus Cristo disse: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”²¹. De que a verdade liberta? Da ignorância. Um povo ignorante, mal alimentado, sem qualidade de vida, é um povo cativo. Não há nenhuma ideologia que tenha alcançado sucesso em sua “verdade” para libertar o homem e construir uma sociedade igualitária e justa. Nem mesmo o cristianismo, com sua pregação de amor, misericórdia e graça foi capaz de construir sociedades justas, quando tornado instrumento de poder nas mãos do estado. Ao que parece, Calvino estava certo ao afirmar que toda criatura humana, em sua condição atual, após a queda²², é caracterizada pelo pecado que a corrompe e contamina, incluindo a mente, por isso ninguém é capaz de realizar o que é verdadeiramente bom aos olhos de Deus. O ser humano é escravo do pecado, por natureza hostil e rebelde para com Deus, que é amor e ordena que os homens amem a seu próximo como a si mesmos, espiritualmente cego para a verdade, incapaz de salvar a si mesmo ou de se preparar para a salvação. Só a intervenção direta de Deus poderia mudar esta situação.²³ Mas como conseguir que todos os seres humanos caminhem nesta direção para que então possam viver dias sem intolerância? O problema não

está na religião, mas no homem que a deturpa e usa como meio para justificar os seus fins.

Como escreveu o apóstolo Paulo na epístola aos Romanos, Capítulo 7.19-24: “não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”. Ele mesmo responde: Cristo Jesus! (v. 25). Se a maioria no Brasil é cristã e deveria ser fiel ao seu credo na Bíblia como sendo a palavra de Deus sem mescla de erro, a revelação de Deus para o homem é que o afeta em toda a sua complexidade: espiritual, moral, ética, biológica e social; no livre exame das escrituras e no sacerdócio universal do crente e que somente o amor é capaz de construir a ponte entre os diferentes, destruir os sofismas e promover o diálogo que construa uma sociedade justa e feliz, abominando a intolerância e protegendo a democracia, então por que temos estas desavenças sociais (que são comuns em todos os países que se dizem democráticos) entre os que se proclamam cristãos? Porque a religião não consegue ser autoridade quando a vontade do homem pelo poder suplanta aquilo que admite e professa como verdade — sua crença religiosa, seja ela baseada na Bíblia, Torá ou Alcorão. É uma questão que remonta à origem cristã/judaica/islâmica do ser humano: cobiça pelo poder²⁴.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 86,8% da população. IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>
- 2 BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Art. 226, parágrafo 3º.
- 3 “De forma neutra, propaganda é definida como forma propositada e sistemática de persuasão que visa influenciar com fins ideológicos, políticos ou comerciais,

as emoções, atitudes, opiniões e ações de públicos-alvo através da transmissão controlada de informação parcial (que pode ou não ser fatural) através de canais diretos e de mídia.” NELSON, Richard Alan, A Chronology and Glossary of Propaganda in the United States, 1996. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Propaganda>. Acesso em: 2013.

- 4 Ilha dividida. *Mundo Estranho*, São Paulo: Abril, n. 10, p. 45, dez. 2002.
- 5 “Movimento estendido a todas as igrejas cristãs, abrangendo o protestantismo, catolicismo e os diversos ritos orientais.” ECUMENISMO. In: MICHAELIS, Dicionário de português Online. Brasil. Disponível em: <<http://www.michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=ecumenismo>>. Acesso em: 2013.
- 6 Evangelho de João 1.46: “Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê” Jó 1.46. BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida (RC95). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- 7 No Evangelho de Lucas 18.18-25 há o relato de Jesus confrontando um rico que queria ir para o céu, mas não queria se desapegar de suas riquezas materiais. Então: “E Jesus, ao vê-lo assim triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.” (v. 24,25). *Bíblia Sagrada*.
- 8 “¹⁴*Chegando, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus; é lícito pagar tributo a César ou não? Devemos ou não devemos pagar?* ¹⁵*Mas Jesus, percebendo-lhes a hipocrisia, respondeu: Por que me experimentais? Trazei-me um denário para que eu o veja.* ¹⁶*E eles lho trouxeram. Perguntou-lhes: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César.* ¹⁷*Disse-lhes, então, Jesus: Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. E muito se admiraram dele.*” Mc 12.14-17. *Bíblia Sagrada*.
- 9 “²*Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus.* ³*Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem.* ⁴*Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.*” Mt 23.2-4. *Bíblia Sagrada*.
- 10 “⁵Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, ⁶ qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.” ¹Tm 2.5,6. *Bíblia Sagrada*.” ¹⁹Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, 20pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo

véu, isto é, pela sua carne, ²¹e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus.” Hb 10.19-21. *Bíblia Sagrada*. Vide também: Epístola de Paulo aos Efésios 2.14-18.

- 11 “¹Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. ²De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação. ³Os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela, ⁴que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal.” Rm 13.1-4. *Bíblia Sagrada*.
- 12 Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/foto-de-beijo-gay-diante-de-feliciano-em-igreja-evangelica-causa-polemica,4d669ee5a20fd310_VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> e <<http://jornaldecaruaru.wordpress.com/2012/10/06/artista-polemica-recria-quadro-da-ultima-ceia-com-jesus-gay>>. Acesso em: 2013.
- 13 “Quarto poder” é uma expressão criada para qualificar, de modo livre, o poder das mídias em alusão aos outros três poderes típicos do Estado democrático: Legislativo, Executivo e Judiciário. Esta expressão se refere ao poder dos meios de comunicação quanto à sua capacidade de manejar a opinião pública, a ponto de ditar regras de comportamento, influenciar as escolhas dos indivíduos e da própria sociedade. SOUZA, Robson Sávio Reis. O quarto poder se assanha. *Observatório da Imprensa*. Edição 727, 20/12/2012. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 2013.
- 14 Sobre perseguição aos cristãos na Índia, leia: Divulgado Relatório sobre perseguição a cristãos na Índia. *Canção Nova Notícias/Mundo*, 26 jan. 2013. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=288491>>. Acesso em: 2013. Leia sobre Perseguição Hindu a cristãos na Índia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Persegui%C3%A7%C3%A3o_ao_crist%C3%A3os#Persegui.C3.A7.C3.A3o_Hindu_ao_crist.C3.A3os_da_.C3.8Dndia>.
- 15 BRIC - Brasil, Rússia, Índia e China.
- 16 CULTO DA RAZÃO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopedia livre. Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Culto_da_Raz%C3%A3o>. Acesso em: 2013.
- 17 SCHIRRMACHE, Thomas. A História da Perseguição. *Portas Abertas*, 30 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.portasabertas.org.br/noticias/Artigos/2008/12/noticia5002>>. Acesso em: 2013.
- 18 “A Programação Neurolinguística (ou simplesmente PNL) em suma significa: como as palavras (linguística) podem atingir a mente (neuro) e produzir uma ação (programação). É baseada num conjunto de modelos, estratégias e crenças que seus

praticantes utilizam visando uma comunicação positiva e eficiente entre as pessoas.”...” É baseada na ideia de que a mente, o corpo e a linguagem interagem para criar a percepção que cada indivíduo tem do mundo, e tal percepção pode ser alterada pela aplicação de uma variedade de técnicas. A fonte que embasa tais técnicas, chamada de “modelagem”, envolve a reprodução cuidadosa dos comportamentos e crenças daqueles que atingiram o “sucesso”. PNL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Brasil. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/PNL>>. Acesso em: 2013.

- 19 HOMOFOBIA:” Ódio aos homossexuais, geralmente, demonstrado através de violência física e/ou verbal.” In: DICIONÁRIO Online de Português. Brasil. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/homofobia/>>. Acesso em: 2013.
- 20 O artigo 8º-A, do Projeto de Lei 122, diz: **“Impedir ou restringir a expressão e a manifestação de afetividade em locais públicos ou privados abertos ao público, em virtude das características previstas no artigo 1º desta lei. Pena: reclusão de dois a cinco anos.”** Isto significa dizer que se um pastor, ou padre, ou diretor de escola — que por questões de princípios — não queira que no pátio da igreja, ou escola haja manifestações de afetividade, irá para a cadeia, pois o item B do mesmo artigo diz: **“Proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos ou cidadãs. Pena: reclusão de dois a cinco anos.”** O Artigo 16, parágrafo 5º, diz: **“O disposto neste artigo envolve a prática de qualquer tipo de ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica.”** O que é ação constrangedora, intimidatória, de ordem moral, ética, filosófica e psicológica? Com este parágrafo a Bíblia vira um livro homofóbico, pois qualquer homossexual poderá reivindicar que se sente constrangido, intimidado pelos capítulos da Bíblia que condenam a prática homossexual. O Brasil é formado por 90% de cristãos e estes declaram não querer impedir ou cercar quem tenha a prática homossexual, mas não aceitam haver lei que impeça a liberdade de expressão e religiosa que são garantidas no Artigo 5º da Constituição brasileira, afirmando, coerentemente, que para qualquer violência que se cometa contra o homossexual está prevista, em lei, reparação a ele; bem como assim está para os heterossexuais. O PL-122 não tem nada a ver com a defesa do homossexual, mas, sim, quer criminalizar os contrários à prática homossexual e isso é uma questão de luta pelo poder.
- 21 Cf. Jo 8.32. BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida (RC95). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- 22 Ou seja, após desonrar a Deus no paraíso, como diz a Bíblia, o homem perdeu a santidade e pureza oriundas do caráter moral

recebido de Deus na criação, por causa da cobiça por mais poder. Vide: Romanos 3.23; 5.12, Bíblia Sagrada.

23 CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*

24 “Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.” Gn 3.4-6. *Bíblia Sagrada*.